

O MODELO PORTUGUÊS DE ENSINO ABERTO E A DISTÂNCIA (EAD)

*(Intervenção na Mesa Redonda sobre **Universidade Aberta e Ensino a Distância**, V EPLLE -Internacional
- Encontro de professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras, Assis, S. Paulo, Brasil, 6 de Maio de
1998)*

*Por **Hermano Carmo***

*Director do Gabinete de Planeamento de Ensino
da Universidade Aberta*

1. A CONJUNTURA MUNDIAL DO ENSINO ABERTO E A DISTÂNCIA (EAD)	2
1.1. O dilema de Knowles	2
1.2. A crise dos sistemas presenciais	3
1.3. A emergência do EAD	4
1.4. Formatos organizacionais de EAD	6
1.5. Componentes estratégicas dos modelos de EAD	7
2. O MODELO DE EAD DESENVOLVIDO NA UNIVERSIDADE ABERTA	8
2.1. Um instantâneo da Universidade Aberta	8
2.2. A rede de apoio presencial	9
2.3. Ciclo de vida de aprendizagem de uma unidade lectiva	10
2.4. Em jeito de avaliação: virtualidades e limitações do modelo de EAD da Universidade Aberta	12

1. A conjuntura mundial do ensino aberto e a distância (EAD)

Para entendermos o modelo português de ensino aberto e a distância desenvolvido pela Universidade Aberta convém contextualizá-lo nas grandes tendências que se observam em diversos sistemas educativos contemporâneos.

1.1. O dilema de Knowles

Há bem poucos anos quando se discutia sobre **educação** quase todos os interlocutores se referiam ao que hoje se chama **formação inicial**. Estava-se numa época em que o ciclo de vida do Conhecimento, isto é, o tempo que mediava entre o momento da sua criação e o da sua morte, era longo, podendo mesmo exceder o ciclo de vida humano.

Como consequência imediata desta situação, considerava-se que os conhecimentos acumulados na primeira parte da vida de um indivíduo constituíam património cognitivo suficiente para o desempenho dos vários papéis que ele iria ter ao longo da sua vida.

Hoje a situação alterou-se drasticamente: o Futuro entra cada vez mais depressa no Presente sem pedir licença (Toffler, 1970, 1980, 1990), daí

resultando um processo de mudança acelerada que, na expressão feliz de Margueret Mead, nos confere o estatuto de *migrantes no Tempo* (Mead, 1969) levando outros autores a considerar estarmos a entrar numa espécie de *Idade do Ferro Planetária* (Morin, 1991).

Resultante da força conjugada, do aumento da esperança média de vida das populações e da redução drástica do ciclo de vida do Conhecimento (Knowles, 1980: 40-41), **a formação inicial perdeu peso relativo**, circunscrevendo-se à aprendizagem básica de conhecimentos, técnicas e atitudes, susceptíveis de virem alicerçar a aprendizagem ao longo do resto do ciclo de vida.

Em contrapartida regista-se o **alargamento da formação contínua**, à medida em que se vai tomando consciência da degradabilidade do saber e do seu ciclo de vida cada vez mais curto.

1.2. A crise dos sistemas presenciais

Este facto, associado

- ao **alargamento da escolaridade obrigatória**,
- ao **alargamento das taxas de cobertura** dos ensinos secundário e terciário
- e à generalização da ideia de que **a educação** não se deve circunscrever às camadas infanto-juvenis mas **estender-se**

- a montante, às **coortes infantis pré-escolares** e,
- a juzante, a **toda a população adulta**, activa ou não,

tem contribuído para pressionar os sistemas educativos com uma **sobrecarga de exigências** a que estes não têm conseguido dar resposta.

1.3. A emergência do EAD

Para responder a estes desafios, tem-se vindo a desenhar na consciência internacional a ideia de um **sistema de respostas complementares às tradicionais**, que permitam ampliar e diversificar a oferta educativa.

Entre estas, emergem com particular evidência **os sistemas de ensino aberto e a distância (EAD)**¹, apoiados

- em **processos de comunicação educacional** cada vez mais aperfeiçoados,
- em **teorias da comunicação** progressivamente mais sólidas
- e em **sistemas de gestão e distribuição de informação** assentes em tecnologias mais fiáveis.

¹ Pode-se definir operacionalmente **ensino a distância**, como uma **modalidade de ensino que obriga a um processo de mediatização para suprir a descontiguidade entre ensinante e aprendente**.

Este tipo de ensino, como é sabido, nasceu e desenvolveu-se ao longo dos últimos 150 anos sob múltiplos formatos que, de comum, têm duas características dominantes:

1. - uma **filosofia de aprendizagem aberta** o que significa que o aprendente possui margem de manobra para escolher:

- **o que** quer aprender (conteúdos de aprendizagem),
- **onde** quer aprender (local de aprendizagem),
- **como** quer aprender (métodos e media),
- **quando** quer aprender (ocasião do dia ou da semana)
- o **ritmo** a que quer aprender
- **a quem quer recorrer** para aprofundar conhecimentos ou colher orientações metodológicas (equipa central ou centros de apoio locais)
- **a que sistema de creditação se quer submeter** (grau académico, certificado profissional ou certificado de frequência);

2. - um processo de ensino-aprendizagem em situação de **descontiguidade geográfica e por vezes mesmo temporal**, i.é, em que o aprendente e o

ensinante não se encontram juntos, habitualmente, ao longo do processo educativo²;

1.4. Formatos organizacionais de EAD

As mais de **oitocentas organizações**³, sediadas em cerca de **100 países**⁴ e associadas no International Council for Distance Education (ICDE), apresentam habitualmente um de três formatos organizacionais:

- um formato **departamental**, que se apresenta sob a forma de unidades orgânicas especializadas, fazendo parte de organizações maiores, de ensino presencial, sob diversas designações (departamento, centro, instituto, etc).
- um formato **autónomo**, com uma organização concebida de raiz para prestar serviços de ensino e formação a distância.

² O problema da **descontiguidade espaço-temporal** reduziu-se profundamente com a evolução tecnológica, à medida em que se foram adoptando, cumulativamente com o *correio*, outros meios de comunicação. Hoje, tal descontiguidade é ultrapassável tanto no que respeita à distância espacial (com a *rádio e da televisão*) como no que concerne à distância temporal (com o *telefone* e o *rádio amadorismo*) entre ensinante e aprendente. Com o desenvolvimento e generalização do uso da *informática* e da *telemática* registados desde a década de oitenta, a possibilidade de interactividade tem vindo a crescer em exponencial, **reduzindo drasticamente a questão da distância entre ensinante e aprendente.**

³ Uso aqui o conceito de organização no sentido amplo, querendo com esta designação abranger, não só os organismos autónomos com funções exclusivas de ensino e formação a distância mas também as unidades orgânicas com estas funções - como os departamentos e os centros - que se integram em instituições maiores.

⁴ EADTU (1994) *Distance Education Database*, Milton Keynes, ICDL/UKOU

- um formato **em rede**, integrando uma grande diversidade de organizações ligadas com o objectivo de promover o ensino e a formação a distância.

1.5. Componentes estratégicas dos modelos de EAD

Este tipo de ensino tem-se desenvolvido em contextos socio-económicos muito diferentes, com diferentes públicos-alvos, diversos sistemas de oferta, segundo os três formatos de organização acima referidos. Todavia, seja qual for o formato adoptado, parece ser consensual que qualquer sistema de EAD, para obter resultados com qualidade educativa, tem de integrar três tipos de componentes:

- **materiais de boa qualidade**, preparados para serem usados em regime de auto-aprendizagem, em suportes diversificados (scripto, audio, video, informático e multimedia);
- **sistemas de interacção** (informação, aconselhamento e tutoria) adequados à população-alvo e aos objectivos de aprendizagem;
- **sistemas de avaliação rigorosos e transparentes**, quer no que diz respeito à avaliação dos aprendentes (estudantes e formandos) quer no que concerne ao controlo de qualidade do próprio sistema ensinante.

O exame das contribuições prospectivas das Conferências de Bangkok (1992)⁵, de Wellington (1994)⁶ e de recentes estudos da OCDE (1994)⁷ leva a prever que, **ao longo dos próximos anos, este tipo de ensino se continue a expandir, a complexificar e a combinar com o ensino presencial, sob o formato de ensino flexível** e seguindo normas de diversificação e despadronização que se observam noutros sectores.

2. O modelo de EAD desenvolvido na Universidade Aberta

2.1. Um instantâneo da Universidade Aberta

Aproveitando a experiência de outras Universidades Abertas europeias e o conhecimento acumulado pelas equipas das duas instituições que lhe deram origem a Universidade Aberta nasceu em 1989, após uma longa gestação de cerca de dez anos.

Ao fim de **nove anos de funcionamento** tem cerca de **doze mil estudantes**⁸, três quartos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos (61%), trabalhadores por conta de outrem, casados e com instrução superior.

⁵ ICDE, org. (1992), *Distance education for the twenty- -first century. Conference abstracts*, Nonthaburi, Tailândia, International Council for Distance Education (ICDE) / Soukhothai Tammaritat Open University

⁶ Correspondence School, org. (1994), *Distance education. Windows on the future*, Wellington, International Council for Distance Education (ICDE) / Distance Education Association of New Zealand (DEANZ).

⁷ OCDE (1994), *The future of post-secondary education and the role of information and communication technology*, CERI/CD/(94)11, Centre for Educational Research and Innovation

⁸ Ver em anexo quadro com a distribuição dos estudantes

Em função da alteração das condições de acesso (idade mínima e qualificações) e da diversificação da oferta, ambas ocorridas a partir do último trimestre de 1993, tem-se registado uma **diversificação do corpo docente**.

A sua **dispersão geográfica** mostra que esta instituição cobre não só todo o território nacional mas também presta serviços educativos a mais de 200 estudantes residentes em **dezoito diferentes** países.

Ao longo deste período **registou-se uma diversificação substancial da oferta** como os indicadores seguintes dão clara ilustração:

- o número de **cursos** e programas formais e não formais **aumentou de 3 para 28;**⁹
- o número de disciplinas em leccionação¹⁰ cresceu **de 16 para 165;**¹¹
- o número e diversidade dos **materiais** expandiu-se, parecendo desenhar-se com clareza a tendência para que a Universidade Aberta se venha a assumir também como uma forte (e útil) **editora de produtos culturais e educativos**, consumíveis por uma larga população;

2.2. A rede de apoio presencial

Apesar de **centrado na autonomia do aprendente**, o modelo de ensino a distância da Universidade Aberta possui uma rede de **20** centros de apoio (um em cada sede de Distrito) localizados em diversas instituições de ensino superior com quem se celebraram acordos bilaterais.

⁹ Ver anexo

¹⁰ Não foram integradas neste número as cerca de 130 disciplinas de mestrado leccionadas em regime presencial

¹¹ Ver anexo

Integram ainda a rede descentralizada de apoio **três delegações** sediadas no Porto, Coimbra e Lisboa estando prevista, a muito curto prazo a criação de mais cinco centros de apoio no estrangeiro - em **Paris** e em **Angola**¹² - a partir de um Protocolo que a UA assinou com o Instituto Camões.

Cada centro de apoio pode ter uma ou mais das seguintes **valências**:

1. **centro de recursos** (materiais educativos escritos e audiovisuais e respectivo equipamento de visionamento)
2. centro de **comunicações** (local de encontro de **estudantes**, de **tutoria** local e de **comunicação** com a Universidade Aberta via telefone, fax, e para alguns, recentemente, **videoconferência** e **correio electrónico**)
3. centro de realização de **exames**
4. centro de **estudos pósgraduados**
5. centro de **animação sociocultural**.

2.3. Ciclo de vida de aprendizagem de uma unidade lectiva

A fim de melhor entender como se desenvolve o processo de aprendizagem, vejamos uma situação simulada em que o estudante se inscreve numa só cadeira.

¹² Neste país está prevista uma rede de quatro centros de apoio localizados em Luanda, Uíge, Menongue e Lubango

Independentemente da disciplina em que se inscreveu, é-lhe recomendada a leitura de duas brochuras que lhe fornecem orientações gerais, tanto no que respeita ao relacionamento com os serviços da Universidade, como no que concerne às escolhas de unidades lectivas: o *Guia do Estudante* e o *Guia dos Cursos*.

Logo que se matricula deverá

- **adquirir o material** necessário a cada disciplina (manual, testes formativos, audiogramas, videogramas) e
- **organizar uma rotina** de estudo (respeitar um **horário** de trabalho, construir uma **estação** de trabalho), onde deverá contar com tempo para a realização das seguintes tarefas (por cadeira):

1. estudar o **manual**;

2. **trabalhar sobre a informação disponível** em *audio*, em *video* e/ou em suporte informático (disquete, CDRom ou *Webpage*);

3. consultar o(s) docente(s) da cadeira¹³ ou os docentes dos Centros de Apoio¹⁴ sempre que sinta necessidade de **tirar dúvidas**;

4. Responder nos prazos previamente fixados aos **testes formativos** (em regra 3 para as cadeiras anuais e 2 para as semestrais)¹⁵;

5. Estudar os **relatórios de correcção** dos testes enviados pelo docente;

6. Consultar **bibliografia** recomendada;

¹³ Pelo telefone, em horário previamente definido, por fax ou por correio electrónico. Cada docente tem um período de 9 horas semanais para atendimento telefónico.

¹⁴ Presencialmente, em horário previamente definido.

¹⁵ Os testes formativos encontram-se disponíveis em papel - avulso ou em cadernos - e na página da U.A. acessível pela Internet.

7. Participar em **sessões presenciais** ou por **videoconferência** se programadas.

Uma vez iniciado o estudo, é conveniente seguir o plano de trabalho traçado tendo em conta que neste modelo **é ao** aprendente (estudante ou formando) **que cabe gerir o processo de aprendizagem.**

O ciclo fecha-se com a inscrição e realização da **prova final**, em condições de exigência semelhantes às das outras Universidades Públicas, num dos centros de exame da rede (delegações da Universidade, centros de apoio ou, no estrangeiro, em embaixadas ou consulados portugueses previamente preparados para o efeito)

De acordo com estudos feitos pela Associação Europeia das Universidades de Ensino a Distância (EADTU) o esforço médio exigível a um estudante para completar uma determinada disciplina é de 1 hora por dia, para cinco dias por semana, ao longo do período a que respeita. De acordo com este critério as disciplinas da Universidade Aberta são planeadas tendo em conta o seguinte tempo médio de aprendizagem:

- Disciplinas anuais: 220 horas (5 horas/semana vezes 44 semanas)
- Disciplinas semestrais (5 horas/semana vezes 22 semanas)
- Disciplinas trimestrais (5 horas/semana vezes 11 semanas)

2.4. Em jeito de avaliação: virtualidades e limitações do modelo de EAD da Universidade Aberta

O modelo de ensino preconizado, assenta numa aposta na **auto-suficiência do aprendente. Os resultados** deste modelo de funcionamento **têm sido claramente positivos não só em termos quantitativos¹⁶ como**

¹⁶ Pelo número de estudantes que já frequentaram com êxito os programas da U.A.. que se estima em cerca de 44 mil.

qualitativos¹⁷. Pode afirmar-se sem reservas que a criação da Universidade Aberta deu lugar a efectivas oportunidades de desenvolvimento dos recursos humanos locais, nomeadamente nos seguintes domínios:

- na **qualificação pedagógica** de um quarto dos professores em fase de profissionalização do ensino preparatório e secundário;
- no **complemento de habilitações científicas** nos domínios das Línguas e Literaturas Modernas, História, Ciências da Natureza e Matemática. Muitos desses estudantes vivendo em zonas periféricas não tinham tido, até então, oportunidade de se valorizar profissionalmente, por impossibilidade de acesso ao ensino superior.
- na **qualificação académica** de profissionais para o sector terciário
- Com a abertura de novos cursos no campo da **Gestão, Ciências Sociais e Informática** o leque da oferta alarga-se, tendo como intenção contribuir para a **formação de quadros locais pertencentes à estrutura empresarial** (designadamente PME's), **da Administração Regional e Local e dos sectores de economia social.**

Hermano Carmo

¹⁷ Pelas suas classificações e dispersão geográfica. Este último factor leva a crer que a U.A. está já a chegar a zonas bastante periféricas.